



ATA DA 3ª REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA DO PARQUE NATURAL MUNICIPAL  
CABECEIRAS DO ARICANDUVA

**Dia 31 de agosto de 2025, domingo, das 10h00 às 12h00**  
**Reunião presencial**

**Conselheiro(a)s Presentes:**

<b>Sociedade Civil</b>	
<b>Entidade/ Coletivo- Representante</b>	
Sociedade Ambientalista Leste "SAL" - Angelo Iervolino	Titular
Fórum para o Desenvolvimento da Zona Leste "FDLZ" - Angelo Iervolino	Titular
<b>Poder Público</b>	
Secretaria do verde e Meio Ambiente – CGPABI/DGUC - Danuta Maria de Mattos Vassão	Titular
Secretaria do verde e Meio Ambiente – CGPABI/DGUC - Tiago de Andrade	Suplente
SVMA- Trabalhadores – Tatiele Viviane dos Santos	Titular
Subprefeitura Cidade Tiradentes - Rosa Aparecida Apolinário	Titular
<b>Demais participantes</b>	
<b>Anita Correia de Souza</b> – Diretora SVMA/ CGPABI/ DGUC	
<b>David Tegangno</b> – SP Regula	
<b>Denise Mitsue B. Minato</b> - Ecourbis	

<b>Ednei Rodrigues Silva</b> - Ecourbis
<b>Indiara Cardoso Guasti</b> – Ecourbis
<b>Maysa F. Santaella</b> - Ecourbis
<b>Nichollas Dautres Fontoura</b> – Ecourbis
<b>Viviane</b>

**Conselheiro(a)s Faltantes:**

<b>Sociedade Civil</b>		
<b>Nome do frequentador(A)</b>	<b>Titular/ Suplente</b>	<b>Justificativa</b>
Roseli Alves dos Santos	Titular	<b>(Motivos pessoais)</b>
Sebastiana Soares Leite	Suplente	-
Jéssica da Silva Nunes	Titular	<b>(Trabalhando)</b>
<b>Poder Público</b>		
Subprefeitura Cidade Tiradentes - Rafael Pereira Barbosa	Suplente	-
Subprefeitura São Mateus – Manoel Antonio Lopes	Titular	<b>(Exonerado)</b>
SVMA – Trabalhadores do PNM Cabeceiras do Aricanduva – Leandro Costa Santos	Suplente	<b>(Desligado do parque)</b>

**CRENCIAMENTO DOS PARTICIPANTES**



A lista de presença e o registro fotográfico foram realizados a contento, conforme orientado pela Portaria Municipal nº 049/SVMA.G-AJ/2020.

## **PAUTA DO DIA**

1. Esclarecimentos da empresa Ecourbis ao Conselho, referentes à Solicitação de Informações encaminhada no dia 22/08/2025

### **I. Esclarecimentos da empresa Ecourbis ao Conselho, referentes à Solicitação de Informações encaminhada no dia 22/08/2025**

A reunião foi iniciada pela presidente Danuta, que apresentou a pauta única da reunião: Esclarecimentos da empresa Ecourbis ao Conselho, referentes à Solicitação de Informações encaminhada no dia 22/08/2025.

Em seguida, passou a palavra para o Superintendente de Engenharia e Projetos da Ecourbis S.A., Sr. Ednei Rodrigues, que realizou uma apresentação buscando resumir o documento enviado por escrito pela empresa no dia anterior, em resposta à solicitação de esclarecimentos enviada pelo Conselho no dia 22/08/2025. Além disso, o sr. Ednei contextualizou e discorreu sobre um breve histórico do trabalho da Ecourbis no tratamento de resíduos no município de São Paulo.

O Sr. Ednei Rodrigues apresentou o histórico da atuação da Ecourbis em São Paulo, destacando a operação de transbordos, unidades específicas para resíduos de saúde e coleta seletiva, além da Central de Tratamento de Resíduos Leste (CTL). Ressaltou as tecnologias implantadas no aterro São João e no CTL, como produção de biogás, biometano e tratamento de chorume, e frisou que tais unidades, com toda sua infraestrutura, serão deixadas para a Prefeitura ao fim da concessão.

Em seguida, detalhou o projeto de ampliação do CTL – Fase 6, atualmente em processo de licenciamento. Essa etapa prevê: criação de novas áreas de disposição de resíduos; implantação de piscinões de retardo

para reduzir riscos de enchentes no córrego do Limoeiro; uso de solo da própria área para o recobrimento sanitário diário; extensão da vida útil do aterro em cerca de 12 a 16 anos.

Foi informado que haverá supressão de aproximadamente 48 hectares de vegetação (cerca de 60 mil indivíduos), mas a compensação ambiental prevê o plantio de 240 mil mudas em 144 hectares, além de depósito inicial de cerca de R\$ 550 mil.

Durante os debates, moradores e conselheiros levantaram preocupações sobre:

- A concentração de aterros na Zona Leste e os impactos cumulativos na região;
- O uso do termo "Ecoparque", considerado confuso, pois remete a área verde e não a tratamento de resíduos;
- O histórico de problemas no aterro, como a explosão de gases ocorrida em 2007;
- A coleta seletiva, que apresenta alto índice de rejeitos devido ao uso de caminhões compactadores.

A Ecourbis respondeu que a escolha da área decorre de decisão legal e contratual, já que o Supremo Tribunal Federal restringe novas áreas para aterros e apenas ampliações em locais já licenciados são permitidas. A empresa também afirmou que está em curso a substituição da frota de caminhões por veículos movidos a biometano, combustível produzido no próprio aterro, e que investirá em unidades de separação mecânica para valorizar resíduos.

Sobre prazos, foi esclarecido que a CETESB e a Prefeitura definiram cronograma rígido para o início da Fase 6, exigindo manifestação do Conselho até 5 de setembro de 2025. Houve questionamentos sobre a falta

de tempo para maior participação popular e sobre mudanças no EIA-RIMA, mas a empresa ressaltou que o processo está no limite e precisa avançar para não comprometer a destinação de resíduos da cidade.

A reunião foi encerrada com o compromisso da Ecurbis de manter transparência, diálogo com a comunidade e visitas ao CTL, além de reforço de que todas as compensações e medidas de mitigação previstas em lei serão cumpridas.

Seguem abaixo registros fotográficos da reunião:





**Danuta Vassão:** Pronto, a reunião tá sendo gravada.

**Ednei Rodrigues:** Bom dia! Obrigado a todos pela presença aí, vou mostrar o projeto de ampliação do CTL.

(pausa para arrumar o datashow)

Assim, pra quem, eu não sei se todos conhecem aqui o que a Ecourbis faz. Hoje nós coletamos e fazemos o serviço de transporte e coleta em toda essa região do município de São Paulo (aponta no slide).

(pausa novamente para arrumar o datashow)

Então, na realidade, a Ecourbis faz essa coleta em toda essa região do município, nós temos dois transbordos, duas unidades que consolidam a carga, porque fica muito distante você coletar nessa região e mandar pro aterro, e nessa região e mandar pro aterro. Então a gente tem o transbordo Vergueiro e o transbordo de Santo Amaro que consolida os resíduos nessa área pra encaminhar pro aterro. E essa área aqui de cima



toda é descarregada de maneira direta no aterro com os caminhões compactadores menores.

A gente nesse período todo, a gente sempre teve muita responsabilidade com tudo que a Prefeitura nos solicitou para implantar, então, nesse sentido, dentro do último contrato de concessão, em 2015 a gente implantou uma Unidade especificamente para tratar os resíduos dos Serviços de Saúde. Quer dizer, que os serviços que nós coletamos separadamente de hospitais e clínicas, nós construímos essa Unidade, que depois será revertida pro Município. Nós também fizemos uma Unidade específica para resíduos da coleta seletiva. Todo resíduo que é coletado de maneira segregada no Município é separado nessa Unidade. Uma cooperativa trabalha nessa essa Unidade pra fazer a venda desses materiais, esses materiais não é a nossa responsabilidade de vender. E o transbordo Vergueiro que a gente, a gente fez a reforma do Santo Amaro, né com essa Unidade aqui, é esse, esse prédio aqui que é a Unidade de consolidação de carga que junta a carga dos veículos menores. E essa unidade aqui, que é a Unidade de Vergueiro, que eu vou até explicar um pouquinho em cima, abaixo, né? Então tudo isso aqui a gente atende cerca de 6.5 milhões de habitantes em quase 1 milhão de metros quadrados, de quilômetros quadrados, e são mais de 2 mil toneladas por ano que a gente coleta e destina.

Todo o resíduo coletado aqui das casas, eles são destinados hoje para o aterro aqui de São Mateus. É... a próxima. Então, só como exemplo da responsabilidade que a gente tem, o compromisso que a gente tem com o entorno, onde a gente faz os empreendimentos da Prefeitura, essa Unidade aqui ela fica ao lado da Estação Imigrantes do Metrô, então ela era o transbordo Vergueiro desde a década de 70, então esse transbordo funcionava dessa maneira desde a década de 70. À época não existia a cidade em volta desse empreendimento, então a cidade abraçou diversos edifícios, casas em volta desse transbordo. E como o transbordo, a gente não pode mudar ele de lugar, que é justamente para consolidar a carga, então junto com a Prefeitura e com a comunidade, a gente desenvolveu todo um projeto para começar, para mitigar qualquer impacto ou qualquer coisa que causava certa consternação na comunidade. Então, todo o prédio que era aberto, como vocês estão vendo, ele foi todo enclausurado e todos os tratamentos necessários para que aquilo seja, a gente verifica que quase você não identifica o que se faz ali dentro. Então, tudo isso, toda a parte de equipamentos dentro do empreendimento, a gente também colocou para otimizar isso e pra evitar que tanto o ruído quanto odor fossem para fora do prédio, seja tem toda uma rede aqui de exaustão que gente implantou isso, para evitar qualquer... que identificasse que aquilo a gente faz a parte de transbordo. Então, aqui é todo esse resíduo que a gente coleta nessa região vai para essa Unidade e dessa Unidade vai para o aterro. Então esse foi o empreendimento que a gente fez e também no final da concessão será revertido para a Prefeitura. Pode passar.

Então, o que que é o que que é o cenário presente e o futuro que São Paulo contratou e o que se pretende fazer nessa, no Município? Então, hoje, como eu mencionei, a gente tem dois transbordos, cada um deles consolida a carga e junta para mandar para o CTL. Então, hoje, o CTL recebe só de resíduo domiciliar, fora o outro de estação, que a gente também recebe uma parte de da Cetesb, da Sabesp, cerca de 6.700 toneladas de resíduo por dia. Então hoje é só coletado e destinado aqui. Com a nova legislação, desde 2022, os Municípios são obrigados a valorizar os resíduos coletados. Então, no futuro, existirão 2 Unidades de Tratamento de Resíduos, uma ao lado do transbordo Santo Amaro hoje e outra ao lado do aterro que tratarão de forma similar quase 2.800 toneladas de resíduo por dia. E outra aqui nessa região superior perto da região de São Miguel, do Itaim, que vai tratar o resíduo antes que ele vai se encaminhar, antes de ser encaminhado pro aterro. Por que fazer tudo isso? Porque ao fazer isso, você minimiza a quantidade de resíduos que chega no aterro para exposição direta e conforme a legislação pede, só irão para o aterro o rejeito depois de passar para alguma Unidade de Tratamento. Paralelo a tudo isso, a cidade pretende recuperar mais de 300 toneladas de resíduos da coleta seletiva. Então, além do que vai ser tratado, a cidade vai investir muito em coleta seletiva. Serão essas 2 frentes. Existirá todo o investimento pra coletar de maneira seletiva na cidade, então a cidade vai aumentar os recursos necessários pra essa parte de coleta seletiva e de maneira paralela que o cidadão não separar irão pra essas Unidades de Tratamento pra que esses resíduos sejam valorizados. Então é esse o conceito que a Prefeitura tem pros próximos anos da concessão e dos serviços que serão prestados à Prefeitura. E aí a gente chega na Central de Tratamento de Resíduos Leste, o que a gente entende fazer daqui para frente nesse empreendimento. Pode passar.

Então, só para citar o que que foi feito já desde o início, desde o aterro de São João, a gente tá é desde 1992, né, nessa área, fazendo a parte de destinação. Nessa área já foram dispostos mais de 64 milhões de toneladas de resíduo domiciliar, foi recebido nesse aterro e ele constituiu todo um desenvolvimento tecnológico, foi o primeiro aterro com manta que foi testada fora do Brasil. Então, desde o início, a responsabilidade que houve dentro desse aterro, ele se diferenciou de todos os aterros do Brasil e de São Paulo. Muito. A Cetesb usou o aterro São João e depois o CTL para desenvolver toda a norma de aterros que foi implementada no estado de São Paulo. O aterro, para quem, os mais antigos aqui, a gente foi obrigado a mudar (a avenida) Sapopemba de lugar, porque Sapopemba passava entre os 2 maciços e a gente mudou o traçado de Sapopemba justamente para avançar com o resíduo que era gerado no Município de São Paulo. A parte de biogás foi pioneira na questão tanto... aliás, a concessão de gás de geração de energia foi anterior à própria concessão de disposição de resíduo e o biometano foi uma das primeiras Unidades introduzidas. Quer dizer que o biometano, o combustível gerado pela degradação do material orgânico, esse aterro foi uma das primeiras Unidades a ter isso para conseguir tornar combustível e voltar para

os veículos de coleta. Então, a circularidade desde o empreendimento, ele conta com esse desenvolvimento de tecnologia para tratamento de resíduo. Então com isso foram evitadas emissões de gases de efeito estufa, como eu mencionei, a gente implantou Unidade de produção de biocombustível e também hoje a gente conta uma Unidade de tratamento de chorume, que é o material de degradação da fração orgânica do resíduo no aterro. Tudo isso pelo fato de ser uma concessão e que a gente conseguiu desenvolver isso e que tudo será revertido para a Prefeitura no final do contrato.

(pausa novamente para arrumar o datashow)

Então, só pra resumir a história do São João, era esse aterro que ficava aqui nessa conformação, ele começou em 92, como São João. Em 2004 a concessão da Ecourbis foi iniciada, e em 2009 esse aterro ele foi finalizado e aí veio o CTL. Agora a gente vai evoluindo rápido, é o CTL lá na frente, lá em cima pode, pode passar.

Então, aqui é o São João como estava naquela foto, ela girou, né a foto ela estava em tela, deitou pra gente conseguir conceber todo o empreendimento. O CTL começou na face norte, aqui do lado da antiga Avenida Sapopemba, né, a avenida vinha e fazia esse traçado. Avança.

A Sapopemba, ela saiu do traçado original e foi passada por fora do empreendimento. Quer dizer que tudo... foram cerca de 3 km de via que foi, ela foi substituída pela antiga Sapopemba num traçado mais moderno que beneficiou essa circulação aqui na parte de cima do aterro e o aterro evolui na junção dos dois maciços, do CTL e o São João. Pode ir.

Toda a parte de impermeabilização foi executada, a parte de proteção mecânica e essas são as fases, a evolução das fases até chegar à fase 5, que é a atual. Pode subir (o slide). Que é essa conformação final que a gente deve alcançar até 2027. Pode ir mais um (slide). Ao final, ele sobe sobre essa face do São João e a gente consolida a fase 5.

(A apresentação da reunião foi interrompida durante cerca de 15 minutos por problemas técnicos com o projetor)

### **Ednei Rodrigues:**

Então, só recapitulando, essas foram todas as as fases de avanço do CTL, né? Pode avançar.

Então, depois de todo aquele avanço que a gente vai chegar até 2017, dentro desse novo ciclo contratual com a Prefeitura, entre as obrigações, há a questão de garantir a disposição final adequada até 2044 dos resíduos que são coletados e o

atendimento ao PLANARES, que é o Plano Nacional de Resíduos Sólidos, que foi o que eu comentei com vocês, que a Prefeitura tem obrigação até 2040, é desviar cerca, no mínimo, 65% do resíduo coletado e esse desvio, como eu comentei, ela vai superar com as Unidades que ela nos atribuiu a implementar. Porém, como meta são 65% de resíduo que não pode ir diretamente pro aterro, tem que passar por algum tratamento anterior, então o que se pretende até 2040 é transformar o que hoje só recebe resíduo num Complexo de Tratamento de Resíduos e como... e esse nome não, não fomos nós que criamos, no mundo o pessoal, ele atribui a questão de um Complexo de Tratamento de Resíduos a essa denominação Ecoparque. Então por isso que vem Ecoparque, nós não criamos o nome Ecoparque. É uma coisa que a gente traz de locais que tem tecnologia e soluções semelhantes para desviar resíduo do aterro, tornando ele, retornando ele a um ciclo produtivo.

Então, qual que é o licenciamento que existe hoje em curso? É a Ampliação do Aterro que a gente denominou a Fase 6, porque até hoje foram 5 fases de ampliação do CTL; a área de fornecimento de solo para para recobrimento do Aterro – Fase 6. O aterro ele, ao receber lixo para evitar a questão de odor e questão de vetor, é necessário você ter uma cobertura sanitária, então você não evolui com o aterro se a gente não tiver terra suficiente para todo dia, todo o turno fazer o recobrimento daquilo que chega.

Então, o aterro, ele é formado em camadas. Essas camadas de resíduo depositado necessitam de terra/solo pra que você diariamente, diuturnamente faça a cobertura disso aí, cobertura sanitária que a gente fala. Isso faz parte, é uma questão operacional e necessária para o avanço do aterro. E os reservatórios de retardo. Por que isso aqui? Hoje nós estamos inseridos naquela região que é ali de baixo, a gente está no meio do vale e o córrego do Limoeiro no passado, não existiam as condições que existem hoje de adensamento da população. O córrego do Limoeiro, como os demais córregos que estão a... posterior ao córrego do Limoeiro, à jusante, eles se confluíram e aí isso ia pro Aricanduva. Conforme o adensamento existe, você vai impermeabilizando a área. Então, hoje, até o aterro sofre com essa questão da organização, porque com a impermeabilização de toda, toda aquela... é quase um bairro que a gente tem ali no (inaudível). Então a gente, a água que vem já do aterro e que chega na confluência, ela não consegue mais. Então toda aquela região tende a erguer o nível d'água. Isso prejudica tanto os munícipes que estão lá próximos do aterro quanto o próprio aterro. O próprio aterro sofre com isso, porque o córrego passa no meio do aterro, que é o Córrego Limoeiro. Então para evitar isso e diante do fato que a gente, no projeto, a gente impermeabiliza mais uma área, porque é mais uma área que vai ser destinada para colocar resíduo, a gente, para evitar e para melhorar a condição atual, a gente complementar com reservatórios de retardo, então são essas as fases do projeto que está em curso de licenciamento neste momento. Pode descer (slide).

Então, o que que eu disse? O aterro fase 6, aqui a gente tem uma foto do que será, o que está sendo licenciado hoje. O que que eu licencio? Qual será o final desse projeto licenciado? A Fase 6, que na realidade a gente ocupa mais de uma área que fica aqui no desenho, nessa parte mais abaixo do desenho, e ele vai recobrindo tanto o São João antigo quanto a CTL, então a gente vem escalonando, isso cria um novo maciço aqui na mesma cota, a gente não sobe além do que está licenciado hoje, ele chega na cota, se não me engano, na cota 955/ 950 e a gente vai refazendo o bolo de noiva, escalonando, e ele fica todo dentro de uma mesma bacia. Você vai ter uma montanha aqui para escorar o aterro e uma montanha aqui para escorar o aterro. A gente vai fechar o que já existe hoje, as piscinas, que a gente chama, de retardo são dois reservatórios, um a montante e outro a jusante do córrego do Limoeiro que, para quando houver, é como se fosse um piscinão. Quando houver a vazante do rio, na realidade, ele enche essas piscinas, quando diminuir, a gente volta isso para o córrego pra evitar o impacto. E o que eu falei do solo, essa área que existe hoje, a gente retira o solo dela para utilizá-lo aqui, para fazer o remonte dentro do aterro, que é a área de estoque de solo que eu mencionei ali, que está sendo licenciado e que futuramente há no projeto a implementação aqui de outras tecnologias para fazer a Prefeitura atingir esse volume de resíduo tratado que é necessário, mas nada faz parte desse projeto nesse momento. O que é está incluso em discussão ou licenciamento é essa ampliação, essas piscinas de retardo para melhorar a condição de vazante do rio, que hoje já têm um adensamento maior da população, e essa área aqui pra estoque de terra, para ser, pro recobrimento da Fase 6. E é claro, como a gente vai ter essas piscinas, a gente vai ter que realocar algumas infraestruturas dentro do aterro, pra gente conseguir fazer esse novo empreendimento. Desce (slide).

Então aquele é o projeto terminado, o que existe hoje. Todo o Parque Nascentes do Aricanduva desse... quando a gente enxerga, e eu friso bem isso, a gente está totalmenteilhado dentro de 2 morros, então é uma bacia, nós já estamos dentro de uma bacia.

Então, aqui está todo o Parque do Aricanduva, toda essa lateral, todo esse roxo aqui já é o Parque do Aricanduva e isso a gente já está fazendo aqui toda a separação, já um acervo do que a gente fez numa compensação. E toda essa área aqui, naturalmente, ela já é o pico do morro, então a bacia do lado, a bacia fica toda preservada do Parque Aricanduva e essa região aqui já que tem a vocação pra essa área de resíduo, fica a Fase 6 nessa face verde que eu mostrei com a planta anterior. Só volta um (slide) pra eu mostrar.

Essa face aqui é... então ele desce, e é isso aqui. E essa área aqui é a área de estoque do solo que a gente usa para recobrir essa fase do... a terra que vai ser necessária para fazer o recobrimento de área dos resíduos aqui e na finalização, como a gente vai escavando daqui para cá, a gente vai introduzir um Parque Urbano primeiramente e outros sistemas de tratamento aqui com a evolução dos anos, isso em

outros licenciamentos. O que nós nos comprometemos é realmente no início com essa fase primeira, ao licenciar, a gente, a primeira área disponibilizada será o Parque Urbano que será revertido para a municipalidade.

Então a gente não interdita corredores ecológicos, continua... o aterro não é feito para interromper corredor ecológico, existe um limite natural de talude que separa tanto o Parque Natural da área que hoje já é utilizada para resíduo. Toda essa área, claro, ela vai ser cercada pra gente evitar qualquer condição de alguém vir ou ir pra outra área. Toda a questão de fauna e flora será preservada, porque vai existir esse limite e eventualmente, qualquer madeira que saia daqui, a Prefeitura já se manifestou, pode voltar e ser doada pro município, pra Prefeitura. Pode descer (slide).

Então, como vocês verificaram e já foi o motivo do questionário, a gente fez um Estudo de Impacto Ambiental (EIA) com todas as disciplinas necessárias, conforme é necessário na legislação desenvolver esse estudo. Então foi identificado todos os fatores relacionados ao empreendimento desse tipo, que vocês tiveram acesso, para que esse empreendimento fosse possível e respeitando todas as condições ambientais, então toda a parte de tanto de população quanto de paisagem, flora, quanto de fauna, tudo foi estudado para permitir a gente avançar com esse empreendimento.

Então, diante disso, há uma supressão, então a gente vai... há uma supressão de cerca de 48 hectares, cerca de 60.000 indivíduos. Só que o que volta pro Parque e como compensação? A gente tem 0,5% de investimento já de SNUC, já de início do projeto que já é reservado para essa parte de recuperação, isso estima-se inicialmente em torno de 550 mil reais. A área de compensação, ela vai chegar a 144 hectares, a gente vai fazer a compensação com 240.000 indivíduos nessa área de 144 hectares, que é um ponto relevante.

Outro ponto relevante é o que eu mencionei do córrego do Limoeiro e a questão do impacto zero. Então, como a gente vai ter que fazer as piscinas de retenção, o projeto tem impacto zero em relação a essa questão de impermeabilização e o que a gente vai evitar que dessas vazantes, dessas cheias do rio que existem que podem prejudicar a região. Pode descer (slide).

Então, na realidade você cria essas piscinas de retardo aqui, que são piscinões como eu mencionei que vão evitar que o córrego quando existir a cheia, a gente utiliza a piscina pra evitar a vazante. O primeiro de 13.000 m<sup>3</sup> e o segundo de 8.000 m<sup>3</sup>.

Então, nessas vazões máximas a gente identifica que com o empreendimento, a gente poderia chegar a uma velocidade de 28 m<sup>3</sup> por segundo. Com a Fase 6, isso poderia chegar a 34 (m<sup>3</sup>/s). E com as piscinas, as bacias de retorno, a gente desce isso para casa dos 21, o que tem uma redução de 25% nas vazões de pico e há até um impacto positivo para a implementação do empreendimento nesse sentido. Vai descendo (slide).

Então, com o aumento da área de disposição, isso vai permitir que o aterro receba mais 27.000 toneladas de resíduo, o que, se não houvesse tecnologia de tratamento no futuro a serem implementadas, o aterro ele teria somente mais 12 anos de vida útil, de 12 a 13 anos, a partir de 2026/2027. E com a importação dessas tecnologias de tratamento ao longo dos anos, que não é só aqui na Leste, também é na área Sul, como eu mencionei, isso chega a mais de 15/16 anos. Então, desde o início e o que é importante mencionar, é que existe um compromisso com a cidade e o meio ambiente de toda forma, apesar de existir o impacto, e a gente não se furta disso, a gente vai fazer tudo pra mitigar e dar de retorno, tudo o que a cidade necessita e o que está previsto em Lei. Então nesse caso a gente reconhece a questão da supressão, que é sensível, ok. A compensação será garantida na quantidade necessária. Haverá o cumprimento da Lei, o licenciamento, a fiscalização (inaudível) em todo o processo, a gente não se furta disso. E a obrigação nossa e pela legislação de redução da destinação ao aterro mais a reciclagem e reaproveitamento como eu mencionei, há essa questão de aumento da coleta seletiva, que é muito importante para o Município e isso é um compromisso tanto do Município quanto da concessionária, então nesse sentido a concessionária reforça a responsabilidade para a garantia de todos os compromissos assumidos que serão cumpridos com rigor para atender a expectativa de todas as partes envolvidas. Então existe esse compromisso de atendimento e tudo que for posto para a gente cumprir, vamos falar “ó, precisa ser cumprido”. Então era isso que eu tinha a dizer, a gente passou aí as respostas para vocês sobre todo... tô até precisando de água. E essa é a questão que envolve todo o licenciamento e o que está sendo posto hoje para essa questão do projeto que a Prefeitura quer implementar no Município. E aí a gente passou as respostas do projeto e a gente fica aberto aí se tiver algum questionamento, alguma pergunta, pra passar a vocês.

**Danuta Vassão:** Viviane chegou agora.

**Viviane:** Cheguei, desculpa o atraso

**Danuta:** Viviane, você tá lá no grupo, você recebeu as respostas que eu enviei?

**Viviane:** Recebi. É aquilo que eu falei, a gente sabe que vai acontecer de qualquer forma. A gente sabe que tem os ônus, mas também tem os bônus, né?

**Ednei:** Viviane, e é claro, e eu sei que... considerando os impactos que causam, mas a gente procura... a gente, não, né, a Prefeitura procura reverter isso, trazer como

benefício. Toda a questão de avanço que a gente precisa nessa área, foram feitos estudos e a gente procurou diversas áreas. É o menor impacto possível diante da necessidade de disposição que São Paulo tem. E isso o Prefeito tem esse compromisso, ele nos... vem atrás de como vai ser feito, o que vai, o que vai ser recuperado. Então há esse compromisso e a gente nunca vai se furtar disso. Então eu quero deixar bem claro aqui que é o mínimo que a gente vai interferir pro benefício que isso vai trazer posterior. Então a gente fica aberto aí a visitar a gente, tirar dúvida, por favor. A gente, transparência é como eu mencionei, é o que vai começar hoje com vocês, as pessoas que eu conheço hoje, as pessoas que eu já conhecia. Daqui para frente, o aterro vai estar aberto, receber, conversar. É... é um projeto que não é da concessionária, é da Prefeitura aqui que vai tá representando na SP Regula. Então, por favor, a gente... o que precisar da gente aí para clarificar a gente nunca vai se furtar. Por favor.

**Ângelo Iervolino:** Meu nome é Ângelo, eu moro na região desde 1994, 1º de maio de 1994. Infelizmente, uma data que a gente nunca vai esquecer: o dia que morreu o Ayrton Senna. Uma pergunta que não é só minha, mas de todos os moradores da região: trabalhei muito tempo lá na UBS Laranjeira...

**Ednei:** Desculpa, seu Ângelo, onde?

**Ângelo:** UBS Laranjeira. E a pergunta que toda a população do entorno faz: por que é que tudo tem que ser lá no Limoeiro? A gente não viu todo esse todo esse tempo todo, nem uma melhoria lá na região. É aterro, mais aterro, mais aterro. Eu acho que nunca se viu... a primeira vez que eu vi fechar uma estrada para poder ligar os dois aterros. Quando eu cheguei aqui primeiro, aí veio o Centro de Tratamento Leste, a gente discutiu na época era com a Zulmara Salvador, tá? A gente discutiu muito essa questão, porque ampliar estava previsto para “tanto tempo”, mas essa previsão nunca chegou, sempre antes dessa data. Então o lixo todinho de uma parte da cidade está vindo aqui para nós. Será? A Prefeitura não tinha outro lugar para poder estar instalando esse projeto? A questão do nome, né, deixa muita gente que não, não conhece, não pesquisou: Ecoparque. Quando a gente fala em “eco”, a gente pensa em ecologia, um parque ecológico e tal. Eu fui, eu pesquisei e realmente essa designação de Ecoparque então é, seria isso mesmo, né: o gerador, o tratamento ou tratar a separação do lixo, tá? Então, quanto ao projeto, talvez o projeto seja bom e a gente... Novamente, por que tem que ser a Leste? Pegar, se não me engano, a área que foi cedida agora para Ecourbis, se não me engano, foi 300.000 m<sup>2</sup>...

**Ednei:** Não, não, não, foi 125, se eu não me engano, 125.000 m<sup>2</sup>. Aquele bico, aquele bico que o senhor fala a partir de cima, o bico da picanha. Vai mais um, mais um (slide), vai dar a divisão certinho. Pode passar. Pode ir. Só é que essa parte já está destravada para o aterro, todo...

**Tiago:** Eu acho que nessa imagem que fica mais claro pra você mostrar.

**Ednei:** Na realidade, isso aqui, que nesse momento foi cedido para ser aterro. O senhor pode concluir, depois eu explico.

**Ângelo:** Essa área que está disponibilizando agora com esse, ela não está dentro da área de Amortecimento do Parque Natural (Cabeceiras do Aricanduva)?

**Ednei:** Sim, é todo aterro, todo o aterro está. Assim só vamos separar a pergunta, eu posso dar até em 3 respostas. Eu não estou tão antigo quanto o senhor aqui, assim, eu comecei a trabalhar na Ecourbis já na década de 2000, logo no início da concessão. Vi como cresceu toda essa região, vi o CTL entrando e realmente a cidade cresceu por esse lado. É... o que eu posso falar hoje da Prefeitura: eu tenho participado de reuniões, até de secretariado, que eu nunca participei. E nesse sentido, eu sou somente um dos, digamos assim, dos personagens que estão inseridos nesse contexto. O que eu posso dizer ao senhor, que não posso assumir esse compromisso, é que hoje há uma preocupação da Prefeitura em relação às coisas que serão feitas aqui em São Mateus, fora o aterro, e tá aqui o Davi, que não me deixa mentir. A gente tem participado de reuniões tanto com a parte de infraestrutura e obras, inclusive, quando a gente levantou a parte do projeto aqui e já há uma obra em curso aprovada para questão de melhoria do Córrego do Limoeiro a jusante; quer dizer que do Córrego do Limoeiro lá...(inaudível)... a Secretaria de Obras já está demandando uma melhoria porque ela viu que realmente, apesar de que não fizemos nem a Fase 6 ainda, por esse aumento aqui dessa região, toda essa parte de habilitação aqui e a frente, há essa preocupação já com São Mateus, essa é a minha experiência. Claro que o senhor já está há muito antes que eu, mas neste período que eu estou, de todas as Prefeituras que eu passei aqui desde 2004 até hoje, realmente São Mateus eu posso dizer que hoje eles veem essa questão de infraestrutura, de melhoria. Eu posso falar só sobre a parte do que cabe o meu entendimento, mas só dando assim, dando uma informação do que eu tenho visto em relação a isso, que aí é uma questão da Prefeitura e não em si dessa fase do empreendimento. Como o senhor falou toda essa parte aqui está realmente nessa Zona de Amortecimento, o senhor tem razão, porém, o Supremo, e aí essa questão de Áreas de Proteção que existia uma discussão até jurídica se seria possível ou não seria

possível introduzir equipamentos de gestão de resíduos de saneamento nessas regiões, o Supremo esse ano foi, subiu até o Supremo essa discussão e isso foi no Supremo definido que diante da necessidade de regiões que não há mais possibilidade de fazer esse tipo de empreendimento em outras regiões, se existir locais que já existem esse empreendimento e respeitadas certas condições, esses empreendimentos, mediante processo de licenciamento específico, poderiam ser realizados. E é nessa condição que esse empreendimento, a ser estudado para colocar aqui e por que aqui? Como eu comentei, já é uma área que existe esse empreendimento, já é uma área vocacional, então é uma área que já recebe os caminhões. Eu, na Ecourbis, e o senhor tá aqui também viu isso, toda essa parte do sistema de tráfego, do isolamento, da chegada ao aterro, a gente fez todas essas obras para melhorar a condição dentro da Bento Guelfi ou nos circuitos que chegam ao aterro, que permitem que esse tráfego, que isso seja condicionado e chegue no aterro. E não há em São Paulo outro lugar para fazer esse equipamento, para ter... Assim, o menor impacto possível para ter esse equipamento é nessa região, Sr. Angelo. Assim, eu sei que não é fácil, assim, eu estou só explicando para o senhor, é uma condição. Agora, é claro que, e eu acho que é oportuno dizer, nesse momento, o que será feito aqui não será só um aterro. Com a evolução do tempo, e eu não estou falando nem dessa área. Dentro de, como o senhor mencionou, essa questão do Ecoparque, uma parte da separação mecânica já será introduzida sem nem precisar dessa área. A gente já buscou uma área e eu acredito, acredito não: eu tenho certeza que ele vai trazer como benefício já iminente, fora o que a Prefeitura está estudando a parte para São Mateus, a questão de assim a gente vai buscar a mão de obra, então, e é uma mão de obra como a gente tá fazendo coisas que hoje não existem aqui no Brasil e a gente já tem dificuldade. A gente tem essa Unidade de separação mecânica aqui em Santo Amaro que eu expliquei para o para o senhor que já tem uma certa condição de mecanização, mas é uma unidade de 250 toneladas por dia. A gente quer colocar uma unidade aqui de Tratamento, de Separação por motores e equipamentos para separar 1.800 t por dia. Então nessa condição, e aí a gente já está buscando apoio, para realmente formar mecânico, formar eletricista. Então eu acredito que é oportunidade tanto para a gente está trazendo uma coisa nova que vai colocar aqui para funcionar, quanto para a população local, porque é claro que a gente vai buscar tanto pessoas que já trabalham conosco capacitado como o entorno. E é claro que, como a gente está separando lixo e isso vai ter é... vai aumentar a circularidade dos materiais... porque eu vou receber um resíduo que... o resíduo que o senhor tem na sua casa: o senhor separa uma parte da coleta seletiva, e isso vai para as cooperativas, né, a gente não vai mexer. O que o senhor não separar, e aí é nossa obrigação, a gente vai buscar separar isso melhor e buscar valor daquilo que o senhor não conseguiu separar. E nesse, nessa fração é que a gente vai valorizar, e aí vai proporcionar tanto para quem está trabalhando na Unidade para promover isso quanto a cadeia lá na frente, a indústria que vai precisar de mais gente para pegar esse material e conseguir transformar. Então

realmente, esses benefícios são intangíveis nesse momento, mas que a gente verifica em outros locais, e aí eu entendo a resposta da pergunta do senhor, assim, eu entendo que a questão do Ecoparque, vocês foram assim, todo, houve essa questão que o pessoal verificou, foi estudar. É... existe uma tecnologia, determinada tecnologia que a gente não compreende, eu falo aqui eu, por mim próprio também fui buscar conhecimento sobre essa tecnologia. Mas o nome Ecoparque não foi uma denominação nossa, da Ecourbis, não foi da Prefeitura, é uma denominação que existe e é sobre uma tecnologia. Essa é uma tecnologia... Ecoparque é o nome dado a um complexo de tratamento de resíduos. Então, no mundo, assim é... a gente, tá muito atrasado. A Europa - aí cabe, até casa com a experiência do senhor - , desde 94 a Europa, preocupada com a questão de tratamento de resíduos e a diminuição de aterros, introduziu uma legislação de reciclagem. Então, ao longo do tempo, a Europa obrigou as Prefeituras a separar esse resíduo, então, para essa separação ao longo do tempo, ela criou essas Unidades de Tratamento que lá foi denominada de Ecoparque. Então, lá, hoje, existem entre 700 e 800 unidades como essa em diversos países, em diversas Prefeituras, para tratar o resíduo. Tratamento mecânico, compostagem, recuperação térmica... e a gente trouxe isso para a gente. Você entendeu? Então é nesse sentido que a denominação foi trazida em função do que existe em outros locais. Então é todo esse contexto. E, de novo, a intenção é a melhor: assim, o que a gente procura fazer é realmente dar a melhor solução pro resíduo que é gerado pela população de São Paulo. Pelo menos pra essa parte da região Sudeste.

**Ângelo:** Eu não sei se hoje tem algum morador da região, por exemplo, eu, uns anos atrás, 10/15 anos atrás, eu trabalhava lá no Laranjeira quando houve a implosão do lixo. Se parecia que tinham soltado uma bomba atômica no local e fora o lixo ter espalhado e o mau cheiro ficou por muito tempo e o entorno, principalmente o pessoal do Limoeiro, da Terceira, que lá foi impacto. Então, sempre que a gente ia na reunião a Zulmara: “Não, é seguro, seguro, seguro.” É seguro até certo ponto. A gente nunca sabe quando pode acontecer a próxima, não é? E o nosso receio, eu não sei, eu estudei antes de vir para cá, eu dei uma estudada e vi que em muitos países já funciona o Ecoparque, né? E pelo pelo que o senhor falou de esgotar essa área, vão ter que procurar outra área no entorno, porque a Prefeitura não quer levar isso para outro setor. É um negócio que eu achei: o resto da vida a região..., resto da vida a região vai ter... sofrendo esse impacto e conforme a necessidade vai aumentando no entorno.

**Ednei:** Assim, Sr Ângelo, em relação a... com o que aconteceu à época do fato que o Sr. mencionou do aterro, realmente, um gás assim, há uma concessão de extração de gás anterior à Ecourbis que fazia a concessão exclusivamente do Aterro São Judas, que é um contrato específico da prefeitura que fazia a gestão de gás dali. Até então, a gente operava o aterro e aí, abrindo aqui, sendo transparente, de novo, aqui a obrigação

a partir de hoje é ser transparente, então àquela época lá em 2007/2006, se não me engano... Se eu não me engano, foi em 2007. Infelizmente a gente cuidava, já não tava introduzindo, tava operando São João e essa outra concessão que era a do gás, estava totalmente separado. E essa condição, o aterro é um bolo... ele tem que sair o gás, você não pode armazenar o gás. E à época, claro, a gente conhecia tanto quanto a gente conhece hoje. Esse gás da empresa, ela regulava a vazão para aquilo, que aquilo não tinha... e aí eu vou explicar como que é hoje. Ela condicionava esse ar a sair na medida necessária para que ela fizesse a geração de energia. E isso vai, colocando o lixo e apertando as válvulas, realmente existiu esse deslocamento de massa que o senhor disse. Por que que isso não vai acontecer hoje? Dado o que ocorreu lá em 2007, nós, como concessionária, conversamos com a Prefeitura e foi investido: se não existir geração de energia, se não existir hoje, se essa empresa que hoje existe até hoje lá fazendo a extração de gás, se ela falar assim que não quer, “vou aprisionar tudo”. Eu queimo tudo. Na realidade, hoje, toda a geração de gás do aterro, a quantidade de gás gerado, eu tenho capacidade para queimar isso. E por que queimar? Porque é claro que o metano, ele não pode ser jogado na atmosfera. Então, hoje, essa razão de gás que é produzido, extraído para a geração de energia, extraído para a geração de biometano, queira ou não queira, se o cara falar assim: “não quero produzir, quebrou meu equipamento”, eu queimo. Justamente porque o aterro, ou seja, disponibiliza uma fração orgânica lá, todo o resíduo alimentar que a gente gera, vai para o aterro, a degradação disso gera gás, gera chorume. O chorume está condicionado, ele vai e passa por uma ETE (Estação de tratamento de esgoto) e ele é disponibilizado na rede. O que é emitido para, claro, ele é 25 vezes mais prejudicial que o CO<sub>2</sub>, nós queimamos com flare (tocha) de 99,8% de eficiência. Então, hoje há a preferência para geração de energia e geração de combustível, mas o aterro tem capacidade para caso isso não seja, não esteja apto ao funcionamento, a gente conseguir queimar todo esse gás. E, fora tudo isso, o aterro, ele investiu muito e hoje a gente tem uma rede de monitoramento de pressões dentro do aterro, eu tenho cerca de 50 ou 60 pontos de extração de pressão. Quer dizer que nós sabemos hoje como o aterro se comporta e como a gente faz essa distribuição realmente para evitar ou pra que isso não aconteça. Então hoje eu posso garantir pro senhor que a segurança que foi investida no aterro hoje ela garante que esse tipo de fato tenha a probabilidade extremamente reduzida. Então a gente trabalhou pra isso.

**Ângelo:** Só uma correção. No momento da tua resposta, você falou “anteriormente à Ecourbis existia outra empresa que a administrava”...

**Ednei:** Não, não, desculpa. Eu vou ser mais claro. Assim: existiu o aterro São João, que era da Prefeitura lá atrás...



**Indiara:** Era a própria Prefeitura que operava.

**Ednei:** Era a própria Prefeitura que operava. Dentro dessa operação, ela concessionou a exploração do gás a uma outra empresa e depois a Ecourbis chegou. Então houve uma época em que a gente fazia uma operação, só que a gente não tinha o controle sobre o gás que nós temos hoje. Então isso que foi melhorando e que hoje a gente tem uma condição operacional diferenciada.

**Ângelo:** Só uma coisa, o presidente ainda é o engenheiro Walter?

**Ednei:** Não, Nelson, era o Engenheiro Nelson. Da Ecourbis?

**Ângelo:** É.

**Ednei:** Era o Nelson. Nelson Domingues, de cabelo branco.

**Indiara (Ecourbis):** Ele se aposentou.

**Ângelo:** O Nelson já tinha sido anteriormente...

**Ednei:** Primeiro foi o Ricardo Acar. No início foi, foi um rapaz, ele era baixinho, Ricardo Acar, de óculos. Depois foi o Nelson Domingues que era o senhor de cabelo branco, alto.

**Ângelo:** Conheço o Nelson. O Walter chegou a ser presidente?

**Ednei:** Não, não, o Walter não.

**Ângelo:** Ele era diretor?

**Ednei:** Ele era diretor operacional.

**Ângelo:** Ah, tá, porque eles ficavam lá no... perto do terminal...

**Ednei:** Capelinha.

**Ângelo:** Ahn?

**Ednei:** Capelinha.

**Ângelo:** Então, porque a gente tinha... Uma das entidades que eu represento, a gente, desde o ano 2000, a gente trabalha com a coleta seletiva, mas junto com catadores avulsos ou cooperativas, nunca trabalhou pessoal nem emprega ninguém que é do nosso coletivo, porque a gente queria beneficiar os catadores, certo? Então a gente tinha, uma época a gente tinha relação muito estreita com a Ecourbis, com a Zulmara. A Zulmara muito, muitas vezes foi no nosso coletivo, né? Mas aí, depois da pandemia, a gente deu. O pessoal não quer mais saber fazer da reunião. Agora o pessoal... ficou fácil de fazer a reunião online, né? Então a gente vem desde os anos 2000 que a gente vem trabalhando nessa questão e as cooperativas que atuam junto com a Ecourbis é escolhida por quem ou são cooperativas do entorno?

**Ednei:** Nesse sentido Sr. Angelo, todas as cooperativas...

**Indiara:** Isso que eu ia falar, deixa o Davi responder essa.

**Davi:** Sou Davi, sou gerente de Saneamento Ambiental da SP-Regula, gestor dos contratos de concessão. As cooperativas, elas passaram para a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico do Trabalho, eram da AMLURB quando existia a AMLURB e depois na virada, quando surgiu a SP Regula foi passada para outra Secretaria, então há um chamamento público, hoje tem 29 cooperativas no sistema feita e habilitadas por esse chamamento público e mais 29 encubadas. Então, sempre que há um chamamento, fica livre, né? Aí, as cooperativas que não fazem parte do sistema podem estar entrando.

**Ângelo:** É porque nós achamos, porque antes era a AMLURB né, e agora é (inaudível)?

**Davi:** É, era LIMPURB, AMLURB e agora virou SP- Regula.

**Ângelo:** É que com essa mudança aí, nossa produção, nosso relacionamento com a AMLURB, Ecourbis é que é lá no Pari, em frente o ponto da Portuguesa, né? Aí, depois que mudou, eles não, não aceita nós mais. A Entidade, a entidade, as ONG pra coisa é difícil a gente ter conversa com eles. Então ficou tudo mais difícil. Bom, a Prefeitura sabe que faz, né? Quem somos nós? A gente... A gente é contra, mas não pode fazer nada, né?

**Ednei:** Mas assim, assim Sr. Ângelo, nesse sentido, como o Davi comentou, há realmente assim, tanto nós como concessionária é... a Prefeitura falou: “Vamos investir na parte de coleta seletiva.” Quer dizer que haverá coleta seletiva e há esse desenvolvimento das cooperativas para esse material chegar antes, então há essa preocupação. Então, tanto na coleta a ser ampliada para destinação às ONGS e as cooperativas. Aí a questão que o David mencionou, como está numa outra Secretaria isso hoje, é, realmente, Sr. Ângelo, desenvolver junto a essa Secretaria assim, cadastrar as ONGS, cooperativas para receber esse material, que é a obrigação dos concessionários coletar. Então, como eu comentei, há a obrigação de aumento da coleta seletiva de resíduos.

**Ângelo:** Prometo que é a última. Anteriormente, logo no começo, que a Prefeitura começou com a coleta de materiais recicláveis, tá, era feito por caminhões-gaiola de certas cooperativas. Aí passaram para ser feito pela própria Ecourbis, né? Mais o caminhão compactador. E o pessoal que recebe esse material reclama porque mesmo o mínimo que é feito de... o material chega lá muito amassado, todos, se tiver vidro, quebra o vidro. Então, um avanço que foi retrocesso, né? Porque o caminhão-gaiola chegava e jogava lá, as cooperativas quase não tinham muito trabalho, porque nós que fazemos a coleta seletiva, a coleta seletiva pra dar... porta a porta, a gente separa de um jeito e facilita a operação das cooperativas. E segundo as cooperativas, que nós fizemos o rejeito desse tipo coisa, depois é muito grande. Aumentou muito o rejeito porque estraga muito material, tá. Só uma observação: tempo atrás a própria Ecourbis tinha respondido para nós que a Prefeitura não autorizou que fosse substituído os caminhões, porque como tem os caminhões hoje, até não sei quando é o contrato, não poderia mudar o tipo de caminhões para, para a coleta seletiva.

**Ednei:** Sr. Ângelo assim, eu vou dar minha visão aí, não, vou dar bem claro o complemento. A cooperativa... foi questão de foco. A Prefeitura... qual foi o conselho? Foi atribuir foco. Quem faz logística de coleta, que no caso é a concessionária da... quem

coleta, os caras já têm infraestrutura, se quebrar o caminhão, a gente já coloca outro na mesma hora. Então o raciocínio foi: vamos colocar a logística da coleta pra infraestrutura que realiza a coleta e quem... e a expertise que a cooperativa tem, porque o meu coletor, meu coletor não, o coletor da empresa, ele não sabe o que é PP/PEAD/PET, então, e aí, focar nas cooperativas, o que a cooperativa tem de melhor, que é realmente saber separar o material. Então aquele recurs, e é essa foi a ideia da... me corrige, por favor, estou aqui, eu só estou dizendo porque eu participei das discussões. Foi justamente para focar o que a cooperativa faz de melhor, que é separar. Na separação, você, para receber o material lá e separar na fonte. E aquilo que é logística, que não requer conhecimento, deixa pra concessionária, que é que ela faz que é coletar, então foi esse o objetivo. É claro que aí, como o senhor disse, tudo tem um prós e contras que aí a gente precisa avaliar, mas essa, esse foi o objetivo. Assim é, essa foi a condição pra essa decisão, entendeu?

**Davi:** É que tinha um modelo de coleta diferente, né? O senhor falou dos caminhões-gaiola.

**Ângelo:** É.

**Davi:** A AMLURB, o modelo que ela fazia a gestão, ele fornecia os caminhões-gaiola, ela fornecia do caminhão de gaiola, tinha uma estrutura totalmente diferente. Nessa passagem pra outra Secretaria, o modelo mudou completamente. Da nossa parte, da concessão, é isso que o Edinei está falando: a gente vai fazer a coleta, 100% da coleta e a gente destina para as cooperativas. Existe cooperativas até que recusam o resíduo que está até amarrotado né? O nível de rejeito, eu concordo, é muito alto mesmo, você está trabalhando, fazendo até a gravimetria do rejeito, não só pela coleta predatória, que é bem complicado também, o caminhão deles passa na rua e não consegue coletar o que é de melhor até, né? Que vem uma outra coleta anterior, tudo bem, não tem problema nenhum, a gente coleta esse resíduo e leva para outro lugar, então, quando o caminhão passa, às vezes não tem tudo aquilo lá, mas a gente tem que coletar, né? São modelos diferentes.

**Ângelo:** Aqui em frente, nós temos duas cooperativas cadastradas: uma bem antiga, foi a primeira da região, que é a CoopLeste e a outra mais recente, fizeram uma estrutura lá que é coisa de outro mundo. E a escolha talvez tinha cooperativa que o equipamento... mas é coisa da da época da Limpurb e coisa, né? Porque o equipamento que eles fizeram lá em cima é coisa de primeiro mundo, com sala de repouso, sala de

reunião, refeitório. Alguém mais, alguém mais da comunidade aqui quer fazer alguma pergunta? Que eu acho que eu falei demais.

**Ednei:** Não, o importante é acho que pra todo mundo entender o contexto e que a gente está assim à disposição para fazer a partir desse momento.

**Danuta:** Ednei, eu tenho um questionamento sobre o prazo, né? A gente, como a gente já explicou, a gente adiantou essa reunião porque foi passado pra gente um prazo. Esse prazo é da onde?

**Ednei:** Esse prazo é a evolução tanto da parte de CETESB pra gente tomar as providências necessárias por conta do licenciamento.

**Danuta:** Tá.

**Ednei:** Por quê? Porque o aterro tem um prazo junto com a Prefeitura, é, a gente fez uma conta que já está muito apertada para que esse aterro a gente faça todas as obras, e coloque em funcionamento no devido prazo, é, entre o encerramento da fase 5 e o início da fase 6. Então é justamente para a gente cumprir o prazo para iniciar o aterro da fase 6, quando ele precisa.

**Danuta:** Quem determinou esse prazo foi a CETESB?

**Ednei:** CETESB junto com com a gente, pro início de obras, né? Porque não é só fazer o licenciamento, você tem que licenciar, fazer todas as obras de impermeabilização necessárias pra iniciar uma nova fase.

**Danuta:** Tá, é... O conselho questionou esse prazo. A gente recebeu verbalmente, não recebeu nenhuma manifestação formal da Cetesb, nem de vocês por e-mail, nada. Eu até mantive a reunião que tinha sido inicialmente, é, com a data... Eu tenho o poder de convocar reunião com 3 dias de antecedência, mas a gente sempre busca uma data em que todos possam participar para ficar transparente. O ideal aqui é que tivesse mais conselheiros presentes. Todos estão muito interessados e até além dos conselheiros, tem munícipes. A gente até manteve essa data. Eu queria ver a possibilidade da gente continuar com essa data e vocês fazerem essa apresentação de novo, mas com mais pessoas presentes

**Ednei:** Tudo bem, eu faço, sem problemas,

**Danuta:** ... pra gente poder se manifestar pra depois do dia 5.

**Ednei:** Não. Nesse sentido, a gente, a gente precisa da manifestação no dia 5.

**Indiara:** A gente precisa da manifestação no dia 5. Por mais que a gente venha dia 5, na parte da manhã, e até o final do dia a gente consiga isso, por conta do cronograma fechado com a Cetesb. É, vocês têm conhecimento que esse processo, né, não começou agora. Então, realmente a gente, sim, prolongamos o máximo que dá. E o Edinei literalmente está fazendo malabarismo lá no CTL para continuar mantendo o recebimento, né, de resíduos, só que chegou num ponto que a gente realmente precisa seguir, né, em razão mesmo da produção de resíduos

**Ednei:**

É, hoje, assim, essas datas estão no limite, Danuta, sem... A gente chegou num ponto que realmente a gente chegou na CETESB, chegou na prefeitura e é por isso o compromisso de o Davi estar aqui, poxa, a Anita, todos vocês, a gente está reunido aqui hoje porque a gente chegou num ponto em que há a necessidade de cumprir as datas que nós fechamos tanto com a prefeitura quanto com o poder estadual para que a gente realmente feche o que está proposto aqui no projeto.

**Danuta:** Eu vou conversar com o conselho sobre essa reunião do dia 5. Você se mantém, mas eu vou pedir para vocês deixarem já na agenda, assim em stand-by.

**Ednei:** Danuta, eu acho que, além disso, eu acho que é um compromisso. Como o que eu apresentei aqui... Não é à toa... E, de novo, por que que eu comecei a apresentação falando dos outros empreendimentos? Porque em todos esses empreendimentos houve a interação dos munícipes. No Vergueiro a gente colocou uma unidade, manteve uma unidade de transferência de resíduo no meio do Ipiranga, ao lado da estação de metrô. Vou falar para vocês que foi fácil? Não foi, mas foi justamente essa abertura com vocês e essa interação de informação que foi importante para manter e hoje as pessoas... Onde aquele prédio que estava em uma condição não adequada, o que ele se tornou e o que ficou lá, e é o que a gente pretende aqui. Como eu comentei com vocês, fazer aqui também.

**Indiara:** Virou um legado pra cidade.

**Ednei:** Exato, é um legado pra cidade, porque, de novo, a Ecourbis está aqui hoje e vai estar durante os próximos anos. Depois ela vai embora. Porque ela é uma empresa, renovou, não tem mais renovação, é a última, e depois isso vai ficar pra prefeitura, vai ficar pra vocês. Então a nossa obrigação e o que a gente negocia é realmente planejar e cumprir o que a gente tá verificando com os órgãos de aprovação, com vocês comunidade, com o governo, é realmente para entregar o melhor que vai ficar para vocês como legado. Então é essa... esse é o compromisso com o que a gente tá conversando... E de novo, não... Que não pare aqui. O aterro tá aberto. A Maysa que tá aqui, a Indiara como responsável da parte ambiental e social, aí a Maysa como responsável da parte social e a Denise não estão aqui à toa. É elas que estão lá diariamente no CTL, por favor, se precisar comunicar, perguntar, ir lá visitar sobre operação, perguntar de como está sendo o desenrolar das obras. A gente está aberto daqui pra frente, pra realmente conversar com vocês, então nesse processo.

**Indiara:** E detalhe, gente...

**Viviane:** É que eu queria saber se a troca desses caminhões, vocês estão trocando, né? É aí o que vale é o prazo que vocês têm para funcionamento do aterro? Que a gente, vocês só iam trocar quando viesse a biodiesel.

**Ednei:** Não. Na verdade a gente já começa agora. A gente já começa com essa substituição de gás. E é uma das obrigações que a gente tem no atual contrato. Não vai ter mais caminhões a diesel. Então, quanto a isso, toda a parte de transporte será a partir de combustível fabricado no aterro.

**Viviane:** Biometano?

**Indiara:** Isso. Sobre isso, só esse ano a gente já trocou 36 equipamentos. Até o final, até outubro, nem até o final do ano, até outubro, 147 veículos já terão sido substituídos. Até o final de 2027, 100% da frota já vai ter sido substituída.

**Ednei:** E aí, esse, esse aqui vamos ficar até o final. A cada 7 anos a gente troca tudo de novo. Isso é obrigação para manter sempre a frota organizada no tamanho adequado.

**Viviane:** Eu até achei bonito, falei, tem menos barulho, bem menos barulho que caminhão. Olha, mas eu venho com aquela demanda que falava que ia trocar por gás metano, né? Ele veio, continua no mesmo gás, no mesmo que vocês usam, diesel, gasolina?

**Indiara:** Todos estão sendo trocados já para biometano e biogás natural. Todos a gás. E alguns elétricos, mas são os menorzinhos. Aí algumas pessoas perguntam, por que não elétrico? Porque o elétrico a gente tem duas questões: uma é o peso, porque as baterias já têm um peso grande, e como o nosso caminhão é de carga, né, não é interessante que ele seja ainda mais pesado do que ele precisa ter. E tem a questão das baterias também, que têm vida útil também e depois acabam se tornando também uma questão ambiental lá na frente. Então, a questão da escolha pelo biometano realmente tem tudo a ver com o nosso negócio. A produção de biometano no próprio aterro sanitário, a gente consegue manter ali o abastecimento. Então foi, foi muito estudado, foi a melhor estratégia.

**Viviane:** E só mais uma pergunta: esse Ecoparque, ele vai ter um setor onde o próprio cliente, entre aspas, pode levar e fazer a seleção da sua reciclagem?

**Ednei:** Na realidade, isso é separado, né? Hoje... Eu não sei como vai ser no futuro. Pode ser, nós podemos pensar. Hoje o projeto é: isso que você menciona são os ecopontos que são, é uma administração, é... Também de vocês?

**Davi (SP Regula):** SMSUB. Ednei: Há isso em São Paulo, há tendência de aumentar, mas é uma outra, é um outro serviço, que é ecoponto. Não impede que no futuro a gente repense em fazer algo parecido. Não. É que hoje isso tá em outra Secretaria.

**Viviane:** Entendeu. Obrigada.

**Indiara:** Eu queria completar um pouquinho o questionamento do Sr. Ângelo, que me... Eu vou voltar aqui. Como que o senhor fala, Sr. Ângelo? Que a prefeitura não quer fazer isso em outro local que não seja São Mateus. Queria corrigir um pouquinho esse pensamento, porque não é bem assim, né? Na realidade, ao longo dos anos, vem-se estudado muito, né? O município. E onde é possível, onde não é possível. Então, assim, a gente tem duas questões que o Ednei colocou muito bem aqui, mas eu vou reforçar:

que não é o desejo da prefeitura e muito menos da própria Ecourbis fazer onde está. Primeiro: a gente tem uma força de decisão federal, né? Do ano passado, decisão do Supremo Federal, em que, no caso dessa fase que a gente está licenciando, que é a fase 6, ou seja, ampliação do aterro sanitário em si, a gente, de certa forma, é obrigado a fazer aonde esse equipamento já existe. Por quê? Porque a gente tem uma decisão de lei federal que só permite que a gente amplie esse tipo de equipamento, o aterro sanitário, no local onde ele já funcione ou onde exista uma concessão para isso, que é o nosso caso ali do CTL. Ou seja, se eu quisesse, hoje, fazer um aterro novo em outro lugar, onde tem a vegetação, né, onde tem a questão da proteção permanente, eu não poderia, por uma força de lei federal. Então não é a prefeitura que quis assim, muito menos a Ecourbis que quis assim. Nesse momento, é o único lugar onde a gente tem condição de fazer, pelo fato de ele já existir ali. Ah, e infelizmente ou felizmente, né? É uma questão de muito lá atrás, o senhor sabe melhor do que eu. Eu acredito que muito melhor do que eu, que estou começando agora, né, nesse, nesse projeto. Mas foi onde foi feito lá atrás e hoje, por uma força de lei federal que é, inclusive, para evitar isso, evitar que o impacto se alastre, né, ao longo de todos os municípios, a gente não tá falando só de São Paulo, mas tá falando do Brasil como um todo, de que se mantenha ali. Então, por força dessa lei, a gente é obrigado a fazer essa ampliação ali. Só que a gente tem um outro ponto, que é esse atendimento ao PLANARES, também força de lei federal, que é o quê? O Plano Nacional dos Resíduos Sólidos, que nos coloca nessa condição de ter que valorizar os resíduos, de beneficiar, de priorizar a reciclagem dos resíduos. E aí, a partir desse princípio, os aterros sanitários estão meio que dando lugar ao que vocês colocaram muito bem aqui, que é o Ecoparque. Nesse sentido de Ecoparque, é o que o Ednei mostrou aqui: existe uma previsão de se construir o Ecoparque Sul também, e esse Ecoparque Sul, ele vem até primeiro, e ele vai ser onde? Na região de Santo Amaro, onde a gente também já tem o transbordo e onde, antigamente, eu não sei quantos de vocês sabem, era o aterro Santo Amaro. Então, não, o recebimento de resíduos de São Paulo não ficou restrito só à Zona Leste.

**Sr. Ângelo:** Não, mas quando eu falei...

**Indiara:** Antes ...

**Sr. Ângelo:** Eu falei da região leste-sudeste onde a Ecourbis faz a coleta.

**Indiara:** Atua, exato! Então a gente necessariamente tem que tratar o resíduo dentro da nossa área de concessão, que é essa área, né, sul e leste e aí é uma questão contratual. Só que a gente também tem a previsão de lá, onde antigamente foi o aterro

Santo Amaro também recebeu o resíduo da cidade e que agora está encerrado e que a gente, inclusive, cuida desse plano de encerramento dele fazendo análise e coleta, entregando esses resultados à CETESB, o Ecoparque Sul, que tem o mesmo conceito e que vai vir primeiro. Então eu acho que é uma parte muito boa para vocês, por isso a gente não está tratando de Ecoparque agora, porque a gente ainda não tem esse projeto pronto, não tem experiência suficiente para tratar, mas quando a gente falar disso lá na frente e, se Deus quiser, estaremos juntos aqui de novo tratando esse assunto com muito mais propriedade, a gente já vai ter resultados muito bons do Ecoparque Sul que a gente pretende implementar o quanto antes. Para quê? Pra gente distribuir exatamente isso, para que não venha tudo aqui para a Zona Leste, para que boa parte disso fique e que permaneça na Zona Sul. Vai melhorar tráfego, né? Vai melhorar uma série de questões, mas sim, isso está sendo visto, está sendo visto muito com muito cuidado pela Prefeitura, porque a Ecourbis, ela cumpre aquilo que vem como meta para ela. Então, é claro, a gente escuta, a gente propõe a melhor solução de engenharia, mas existe um cuidado no trabalho feito já há muito tempo pela cidade de São Paulo, porque acho que é isso que se estabelece da melhor forma possível. Agora a gente não pode desconsiderar, né, gente? São Paulo tem 13 milhões de habitantes. Só na nossa área de atuação são 7 milhões de pessoas que a gente atende todo dia e nós, como cidadãos, sabemos que a gente gera resíduo diariamente e infelizmente não tem como nos desviar disso, né? Por isso, a gente trata de desenvolvimento sustentável. O desenvolvimento é isso, mas que ele seja sustentável, que ele aconteça da melhor forma possível, e aí a gente tem todo um arcabouço legal que a gente faz questão de cumprir e não é só porque a gente quer, é porque a gente é regulado. Então, Davi está aqui, representando a SP-Regula e hoje a gente tem ainda um regulador a mais, que é a FIPE, que é o verificador independente, que garante que esse trabalho seja feito no mundo da lei, né? Então eu só queria deixar isso claro porque existe sim, esse cuidado. Não é uma vontade, né, que isso permaneça aqui na Zona Leste agora, sem dúvida nenhuma, a cidade cresceu muito mais pro lado de cá do que pro lado de lá e também é um fato.

**Danuta:** Eu tenho mais uma dúvida, é, vocês falaram na resposta que o escopo do EIA mudou um pouco, até porque, onde é a área de movimentação do solo agora vai ser contemplada junto desse EIA-RIMA, né? Nesse licenciamento da ampliação.

**Ednei:** Sim, sim.

**Danuta:** E que antes era um objeto de TCA.

**Ednei:** É, na realidade é, era um TCA...

**Danuta:** Então com essa mudança de escopo a gente não deveria dar um tempo? O prazo mesmo por lei, um prazo razoável...

**Ednei:** Porque até a CETESB interpretou isso já, porque quando a gente... Porque o que acontece: não muda a razão inteira do licenciamento. O que aconteceu foi o seguinte: a gente tinha um movimento de solo isolado, que era uma mancha, e essa mancha ela saiu do TCA e ela subiu para CETESB... que foi até uma demanda de, do governo, tudo, fazer subir isso e nesse momento que subiu essa interpretação falei: “Gente, é a mesma coisa”. Na realidade, a gente, o que tava planejado para fazer isso em duas fases agora será realizado em uma fase só.

**Indiara:** Que, na verdade, o perímetro de que trata o EIA/RIMA...

**Ednei:** A área é a mesma.

**Indiara:** ...que eu enviei ali, permanece o mesmo, é a mesma área. A única coisa que estava realmente antecipada no licenciamento municipal era a questão da movimentação de solo porque a gente, naquele momento, achou que ia precisar daquele solo pra fase 5 ainda. Só que entendemos que não vamos precisar mais, então optamos por encerrar isso no âmbito do município e seguir apenas com o EIA-RIMA, e aí trouxemos esse pequeno detalhe, que é a movimentação de solo, também para o mesmo processo.

**Ednei:** E, na realidade, ele também já existia.

**Indiara:** É. Só que ele era mais pra frente.

**Ednei:** Não, na realidade a fase que existia, se você verificar a mancha, a fase como o solo isolado ela era uma fase aqui inicial e uma fase com entrada aqui e aqui. Ela também existe uma fase de movimentação do solo posterior já no EIA-RIMA e eu não estou falando que isso vai acontecer só no EIA-RIMA e fazer uma parte que ainda era fase 5, a gente fez via TCA, só que o resto já é o EIA-RIMA. O que aconteceu agora é que uma parte que era TCA, ele subiu para o EIA-RIMA, ficou tudo no EIA-RIMA, mas isso já estava previsto no EIA-RIMA.

**Danuta:** Mas vocês já estão operando lá, né? Naquela parte...

**Ednei:** Na realidade, aonde foi possível sem iniciar o TCA.

**Indiara:** A gente abriu acesso, vias, o que era permitido na LAI né, que foi...

**Danuta:** Na instalação.

**Indiara:** Na licença de instalação que a gente teve.

**Ednei:** É, exatamente.

**Indiara:** Aí agora a gente...

**Ednei:** Nós mexemos, mas isso aqui já estava previsto, isso já tava previsto.

**Indiara:** Mas já tava, a área já é toda contemplada dentro do EIA-RIMA, não pegamos uma área a mais, portanto mudou, por isso a CETESB entendeu que...

**Ednei:** A área é a mesma.

**Indiara:** ...que não teria diferença. Mas assim, só um detalhe, né, essa manifestação de vocês é muito importante, mas ela é o pontapé inicial. Essa discussão ela ainda se prolonga até efetivamente a...

**Ednei:** Ainda vai ter audiência pública.

**Indiara:** Isso!

**Indiara:** Então ainda tem consulta pública...

**Anita:**

Eu só queria, é que a gente recebeu duas cartas, né, da EcoUrbis, e nessas cartas era solicitado uma manifestação do Conselho sobre o Ecoparque. E aí, quando a gente pegou, isso até aparece nos nossos questionamentos, né? Quando a gente pegou o EIA-RIMA a gente viu escrito que não se tratava de um EIA-RIMA do Ecoparque, então hoje, o instrumento de análise deste Conselho é um EIA-RIMA da ampliação...

**Ednei:** Exato.

**Anita:** E é sobre isso que o Conselho tem que se manifestar.

**Danuta:** Sim, porém... é aí que eu queria chegar também. Como isso era uma dúvida, conforme o Conselho foi lendo, foi entendendo e isso surgiu ali nos questionamentos, isso precisava ser esclarecido antes, tá? E não é de hoje, o Conselho já pediu a presença da CETESB aqui, solicitou e ia encaminhar ao Gabinete para fazer um ofício, só que não foi feito. Então o Conselho ficou esperando isso justamente para esclarecer, e não foi dada essa continuidade, entendeu? Isso aqui tinha que ter acontecido lá atrás, desde que a gente está solicitando, só que tudo que a gente faz, a gente não fez diretamente com vocês. A gente fez primeiro passando pela Secretaria para seguir ali o rito da Secretaria, né, só que não chegou e aí, de repente chegou com um prazo muito curto para o Conselho avaliar e se manifestar. Agora que o Conselho está realmente entendendo e tendo oportunidade de vocês trazerem aqui as respostas das dúvidas, então é, eu já declaro aqui que o Conselho preparou até um questionamento para a CETESB que foi aprovado por e-mail acho que ontem, a última pessoa que faltava para dar um quórum de aprovação aprovou, e eu vou encaminhar entre hoje (31/08/2025) e segunda-feira (01/09/2025), hoje e amanhã para a CETESB isso, eles estão questionando prazo, estão questionando essa confusão toda e então.. Então seria o ideal que vocês também conversarem já com a CETESB para a gente de repente não prolongar isso mais ainda.

**Ednei:** Não, e não pode, na realidade não pode, e eu quero deixar claro: quando foi falado Ecoparque, é a área onde vai ser o futuro Ecoparque ... é uma questão de denominação.

**Indiara/Danuta/Anita/Ednei:** (Inaudível).

**Anita:** Só que isso gera uma enorme confusão, você percebe? Porque assim, o Ecoparque, a ideia do Ecoparque como vocês trouxeram claramente hoje, abrange



muito mais coisas, etapas que estão lá na frente, então as pessoas não tinham informação nenhuma sobre isso.

**Ednei:** A gente tá falando de coisas...

**Danuta:** E a carta pede claramente assim: “Aprovação do Ecoparque”

**Anita:** Isso, pede, pede.

**Tiago:** Não, é assim, assim, só fazer um parênteses, a gente está falando de coisas polêmicas, né, que é o caso da URE, que vai ser daqui praticamente 10 anos.

**Ednei:** 10 anos.

**Tiago:** Não, não. Mas é que essa interpretação está sendo colocada de repente... De repente não, já foi colocado. São coisas que a gente vem se apropriando e né...

**Ednei:** Assim não importa, não importa agora o que foi o que não foi. Vamos colocar agora tudo o que vai ser daqui pra frente. Há um prazo que realmente a Prefeitura é sensível a isso e o Governo do Estado é sensível a isso, que é necessário pra que a gente implemente. É uma demanda de folha que não adianta agora falar: “Eu não avisei, isso não foi chamado”, chegou num limite agora que todo mundo, a gente colocou na mesa e falou: “gente, é isso que tá imposto, a gente vai tocar o aterro”. Uma questão indefinida, tem que tomar uma decisão, só que hoje, a hora que foi colocado na mesa, com as pessoas hoje que têm essa sensibilidade de, cara, precisa ser executado ou não precisa, é uma política ou não é uma política, qual que é o prazo que a gente precisa pra implementar? E é o que foi colocado. Então, esses prazos, foi um prazo que não foi consensado só com a gente, foi consensado com a Prefeitura e com o Estado, que é possível fazer para conseguir a Prefeitura ter o que ela pretende ter. Então, não é um prazo que a Ecourbis deu. Na realidade, a gente tá no cavalo tanto quanto vocês.

**Danuta:** Não tô... não estamos culpando vocês, estamos tentando entender isso, porque assim, o ponto, eu sinto que o Conselho é que não foi respeitado nisso de ter essas explicações antes pra poder ter o outro lado de se manifestar...

**Indiara:** Mas você encaminhou...

**Danuta:** ...mas não estou culpando vocês não.

**Indiara:** ...assim nossa prioridade zero foi responder, então a partir do momento que recebi...

**Danuta:** ... e agradeço que vocês responderam.

**Indiara:** ... a gente encaminhou todos os esforços pra responder, então assim, mandamos. O que a gente tá aqui, é, assim, é unidos, de fato, pra resolver um problema que é público e que tá muito acima de nós, da Ecurbis. A verdade, a Prefeitura ela tem essa responsabilidade como questão mesmo de compromisso com a população. Então, de fato, o município ele precisa fazer algo com o lixo que é gerado nele e é a solução que ele tem já contratada, então entendo a Prefeitura de exigir da Ecurbis que cumpra suas metas, só que por outro lado a Ecurbis não consegue: “ah, não, eu quero ampliar o aterro e do dia pra noite eu vou lá e começo a obra”. A gente tem que seguir todo esse rito legal e queremos aqui respeitar todos os atores nessa empreitada junto conosco que boa parte são vocês que estão ali conosco dividindo essa área. Temos cumprido tudo aquilo que tem sido cobrado de nós em termo de compensações ao longo de todo esse tempo. Então, tudo foi cumprido, vocês que trabalham ali, você acho que mais do que ninguém, Tiago, viu ali o cercamento, recebeu, entregamos recentemente agora. Então estamos agora com a obra dos núcleos ali. Tudo isso no sentido de cumprir algo que foi proposto dentro dessas tarefas, então o que é importante ficar claro: temos sim uma urgência? Temos! É uma urgência que é nossa? Não necessariamente. É uma urgência que é da cidade de São Paulo. Agora tudo aquilo que precisar ser cumprido em termos de compensação, para que isso tudo aconteça vai ser cumprido tão rapidamente quanto a obra de ampliação do aterro. Então, paralelamente, né, tudo aquilo que é vantagem, que é benefício. Eu acho que existiu-se muito a demanda de citar o Ecoparque porque Ecoparque realmente é uma tecnologia super bacana, super nova, que vem de cidades super desenvolvidas e que, poxa, todo mundo começa “nossa que bacana ter isso no Brasil”. Quando a gente está falando de trazer uma modernidade dessa, a gente não tá falando só de São Paulo não, a gente tá falando do Brasil como um todo, um pioneirismo no Brasil como um todo e a gente quer deixar esse legado. Embora o impacto é em São Mateus? É, mas a gente quer também que o legado seja em São Mateus. Porque vem gente do mundo inteiro hoje gente, não sei se vocês sabem disso, mas o CTL, mesmo sendo um aterro sanitário, não é ainda um Ecoparque, mas ele tem um avanço tecnológico tão grande pro tipo de equipamento que é né o aterro sanitário

que a gente recebe gente do mundo inteiro, que quer conhecer aquilo ali. E às vezes a gente por falta de conhecimento, está habituado, e rejeitamos essa solução, muitas vezes tratando como um lixão. Quantas vezes eu ouvi pessoas até mesmo dentro do Supremo, falando que não pode ampliar porque é um lixão. Não, gente, é uma, é uma solução tecnológica...

**Danuta:** Não, Indiara, assim, muito legal que vocês estão apresentando, é uma tecnologia nova, mas as pessoas que moraram lá passaram por todo um histórico que dá todo o direito de elas questionarem se isso realmente é seguro, se não vai trazer consequências pro dia a dia né...

**Indiara:** Sim.

**Danuta:** ...E vocês estão aqui até para validar isso, garantir, estão dando a cara de vocês né como profissionais, que cada um aqui é um profissional, que tem uma carreira a zelar, né, então eu acho isso importante demais, mas assim isso tem que acontecer mais, tem que trazer mais pro pessoal se sentir realmente seguro, poder fazer os questionamentos, né, pontuais como o Sr. Angelo falou ali da explosão, ela falou ali do caminhão que faz barulho, é esse tipo de coisa que afeta que tá ali né na região? Não é porque o pessoal resiste à modernidade, não é isso. É porque eles estão realmente é aguentando as consequências de tudo, né, e a gente torce sim para que venham coisas melhores, né, uma tecnologia melhor, a gente, eu pessoalmente até acredito nisso, mas não me cabe, né? Eu estou aqui para trazer as demandas deles e levar. Inclusive, esses questionamentos que eu trouxe não são meus, são questionamentos do Conselho que eu tive o compromisso de trazer hoje porque o pessoal todo não pode estar presente, né, e eu devo a eles essas explicações, tá? O que eles vão fazer com esse questionamento dos prazos e se eles querem encaminhar o documento pra CETESB e eu como Presidente assino, mas não sou eu, é o Conselho e isso vai ser feito e a gente vai ver onde vai dar, né?

**Indiara:** Perfeito. Por isso que a gente quis neste momento, deixar claro que, nesse momento a gente está tratando da ampliação do aterro sanitário, ou seja, da mesma tecnologia que já existe lá hoje que eu acredito que a gente já conseguiu atingir um nível de maturidade e de excelência nesse trabalho, por isso eu que eu quis deixar claro. Na semana passada mesmo a gente recebeu uma equipe da Dinamarca para conhecer o que está sendo feito aqui, então assim a gente já conseguiu um nível de maturidade nessa tecnologia que é aterros sanitários, reconhecida mundialmente. Então, neste primeiro momento a gente está tratando disso: de Fase-6, e é isso que eu

gostaria assim, de com isso confortá-los. Eu sei que talvez no passado se misturou as informações, a coisa pode ter ficado confusa, mas a ideia aqui é realmente descomplicar, falar nesse momento, qualquer anuência ou manifestação da parte de vocês é única e exclusivamente para a ampliação de aterro sanitário. E futuramente, o futuro a deus pertence, a cidade pode retroceder 1 milhão de pessoas como pode aumentar ainda mais, por isso que o Sr. Ângelo comentou lá: “ah, vocês sempre passaram da vida útil e que as vezes chegava bem antes”, São Paulo é um berço, é um celeiro, é uma cidade que atrai gente do Brasil inteiro e fora do Brasil também, então a gente tem recebido bolivianos, colombianos e felizmente é uma cidade que consegue abraçar todo mundo, trazer e acolher e dar emprego, dar renda para gente, hoje em dia, da América Latina inteira, só que isso tem um ônus e muitas vezes esse ônus é a aceleração dessa geração de resíduos, da demanda por água, da geração de esgoto. Então, não é só uma questão da Ecourbis, é uma questão de saneamento básico como um todo.

**Tiago:** Tá, gente. Mas a gente precisa traçar agora coisas um pouco mais objetivas porque é, como a Danuta colocou, Anita colocou, a gente foi surpreendido com essa questão dos prazos, tá? Então isso nos foi colocado na semana passada e nós temos até dia 05/09/2025 pra essa manifestação nossa, e isso saiu totalmente dos nossos planejamentos, né? A gente fez um planejamento, a gente fez uma reunião dia 17/08/2025 que foi uma reunião do grupo de trabalho, que foi o levantamento desses questionamentos que foram colocados pra vocês. Esses questionamentos foram enviados pra vocês no dia 22/08/2025, vocês nos devolveram esses questionamentos ontem (30/08/2025) e a gente... Foi devolvido pra nós ontem e a gente tem essa apresentação hoje dia 31/08/2025, no domingo, e nós temos que entregar um documento pra vocês na sexta-feira dia 05/09/2025. Isso é uma coisa que a gente, por exemplo, olha o tempo que vocês demoraram pra responder essas questões, vocês demoraram 8 dias pra responder, a gente não tá tendo nem os 8 dias que vocês tiveram, pra montar a nossa manifestação, pra nos reunirmos com, é, ter um entendimento de um coletivo, porque não é o entendimento de uma pessoa só. Se fosse uma pessoa só seria sentar na segunda-feira, terça-feira e escutar a reunião de vocês, né? A gente tem que ter uma discussão e fechar uma unidade, fechar um discurso que contemple todas as pessoas que esse coletivo tá ali representando. Essa eu acredito que seja a maior função, tanto da Danuta, quanto minha e dali da DGUC...

**Ednei:** Tiago.

**Tiago:** ... de como a gente vai se manifestar a vocês nisso nessa quantidade de tempo?

**Ednei:** Tiago, assim, vamos de trás pra frente de novo. O prazo foi colocado, ele não foi colocado pra vocês? E, assim, eu vou falar pra você uma dor muito maior, que pra mim vai entrar depois, eu to na fase de planejamento e depois tem uma fase de execução. Foi empurrado pra mim uma fase de execução, que eu vou te dizer, que eu vou ter que ...

**Indiara:** Ele vai ter que fazer um acordo com São Pedro pra não chover.

**Tiago:** Não, gente. Eu só preciso que vocês entendam que esse Conselho não trabalha pra municipalidade, este Conselho tem uma vida...

**Ednei:** Ô, Tiago.

**Tiago:** Este Conselho ele tem, ele trabalha e como eu vou produzir um documento se as pessoas estão trabalhando de segunda?

**Anita:** A gente enfrenta uma dificuldade.

**Indiara:** Por isso que a gente se disponibiliza, né, daqui assim, desde que a gente começou essa, a Danuta sabe, estou inteira a disposição, falei pra ela: 24 horas por dia sete dias por semana, não tem horário. Dentro daquilo que a gente puder...

**Ednei:** Ajudar...

**Indiara:** ...auxiliar pra trazer conforto pra vocês a gente está à disposição, mas com relação a prazo...

**Tiago:** Não, mas não é uma questão...

**Indiara:** ...ele também foi posto pra nós.

**Tiago:** Beleza! Assim...

**Ednei:** A discussão que a gente tá tendo aqui...

**Tiago:** Só um minutinho, é que é assim, eu tô falando de prazo. Mas não se prenda ao prazo se prenda na execução da elaboração de uma manifestação. Quanto tempo eu preciso pra fazer uma manifestação? Eu não consigo fazer isso em 4 dias, pensando num Conselho que tem uma vida, um Conselho que trabalha na semana dele. Entre segunda, terça, quarta e quinta: 4 dias, é pouquíssimo provável que isso vai ser elaborado um documento...

**Ednei:** Tiago, aqui de novo

**Tiago:** ...com todo esse ...

**Ednei:** ...aqui a gente pode compreender tudo, só que a alçada que a gente tá sendo colocado, as datas que são disponibilizadas, essas a gente tem que suprir, você entendeu? Porque aqui sinceramente...

**Indiara:** Eu posso falar que te entendo, mas...

**Ednei:** Eu não posso aumentar, não posso diminuir, não posso fazer isso.

**Danuta:** E assim agora que a gente começou realmente a andar com essas discussões com o Conselho porque até então havia uma grande confusão e a Prefeitura até nos direcionou a esclarecer as coisas antes de dar continuidade e é claro, tem que esclarecer antes mesmo, agora que a gente tá dando andamento, não podemos sair correndo e exigir que eles até o pessoal tá bem revoltado sobre isso, tá se sentindo pressionado.

**Ednei:** Assim, sim Danuta. Assim, se há algum conforto como a Indiara falou, a gente tá totalmente disponível, se quiser que venha aqui a semana inteira, a próxima pra conversar, pra falar. Eu que conheço o projeto, a gente senta e conversa, só que a questão de prazo ele tá num grau hoje de preocupação e de compromisso que está fora do nosso domínio negociar prazo. Nós dois aqui, eu não posso falar que pode ser amanhã, que pode ser depois de amanhã, pode ser na, não posso! Porque isso, de novo, foi uma coisa que foi compartilhada entre Governo e Prefeitura e todo mundo, diante do

que tá posto, é o melhor que existe pra conseguir cumprir uma coisa muito maior do que nós dois aqui.

**Indiara:** A nossa única participação disso, acho que a única coisa respondida por mim e pelo Ednei é até quando vai a fase 5, até quando o CTL? Ele passou. A partir dali se estabeleceu um plano...

**Ednei:** Exato! E outra

**Indiara:** ...cumprindo os ritos legais, então tá, o tempo pra manifestação pública é quanto? O tempo consulta pública é quanto? Foi colocado dentro de um calendário, de fato esses prazos aqui atrás e chegou nessa data.

**Ednei:** Eu já digo antecipadamente, quando a gente viu isso, eu particularmente, conservador não está, assim não há gordura alguma, pelo contrário, então, de novo, eu te entendo. Eu me coloco a disposição, a Indiara se coloca à disposição aqui, as pessoas que estão no aterro aqui pra visitar o que a gente faz lá. Só que hoje prazo, a gente realmente tá fora, totalmente fora da nossa questão. Isso já foi totalmente, SP-Regula, prefeito, o governo porque é um empreendimento como a Indiara bem disse, é público né, de interesse público, não é de uma empresa, claro, vocês são parte integrante e os que a gente tem que comunicar, tem que ser transparente, mas é um bem que tá já a nível de política pública de saneamento, né.

**Indiara:**

E como eu mencionei, isso aqui é um primeiro passo, né? Uma primeira etapa, a gente entra numa jornada muito maior até efetivamente esse EIA-RIMA sair e eu e a Maysa, nosso trabalho agora assim, nosso principal objetivo é justamente trazer essa informação. Talvez, infelizmente, não tenha acontecido antes, vamos acertar daqui pra frente. Então qual que é o nosso projeto daqui pra frente? Marcar o máximo possível de reuniões como essa, de audiências como essa, de apresentações como essa, talvez até mais amplas, mais tempo e mais completas, com quem vocês entenderem que precisa. Então assim, a gente tá buscando proativamente esses atores, esses protagonistas, essas pessoas, mas a gente gostaria que vocês indicassem, por exemplo: “ah, eu tenho um grupo aqui do pessoal que trabalha aqui”. A gente vem aqui no parque e faz uma apresentação pra esse grupo. As... Rosa, a senhora tem um grupo lá em Tiradentes, quer que a gente se coloque ou então quer trazer o grupo pro CTL pra conhecer pra ter essa apresentação lá *in loco*. A gente tá totalmente à disposição como eu falei durante

qualquer dia da semana, em qualquer horário, com equipe, claro que não se restringe só a mim e a Maysa, a gente tem um time preparado pra fazer isso. Pra trazer esse conhecimento mesmo e tirar todas essas dúvidas, pra que durante essa jornada que antecede a audiência pública todos tenham o máximo de clareza possível. E de novo, vão ter outras etapas, né, vai ter abertura pra consulta pública, vai haver essa audiência pública, então para além do nosso trabalho enquanto concessionária, a Prefeitura assim como o Estado também tem os ritos deles, tem por obrigação dar o conhecimento pra população também. Então tem uma jornada daqui pra frente ainda, eu sei que vocês têm grupos menores também, que às vezes faz sentido a gente ir de grupinho em grupinho e falar mais nisso e que forme multiplicadores desse assunto também, nós estamos trabalhando nisso e também com projetos. A gente quer, Sr. Ângelo inclusive, que se estabeleçam especificamente aqui nessa região, né, diretamente afetada que é São Mateus e onde vocês entenderem: “ah, eu tenho um grupo de crianças que eu gostaria que fosse, né, privilegiada pelo projeto”, pode nos consultar nos procurar que a gente vai priorizar, “tenho um grupo de adolescentes, tenho um grupo de idosos, da terceira idade que gostariam de ser beneficiados por determinado projeto”. Nós estamos à disposição pra implementar toda essa cota de projetos que a gente tem sociais só aqui na região, pra que realmente tenha né o bônus dessa situação toda, então a gente tá pensando nisso.

**Danuta:** Bom, alguém tem mais alguma coisa pra colocar?

(Silêncio)

**Danuta:** Agradeço a presença de vocês, a disponibilidade, apesar de não ser da forma ideal, né, mas a disponibilidade de vocês também que vieram aí com uma convocação feita 3 dias atrás e se organizaram pra vir num domingo. E, vocês também, equipe/pessoal da SP-Regula, quase que eu falei AMLURB.

**Indiara:** As vezes, até a gente erra.

**Ednei:** Não deixa de ser.

**Indiara:** Ainda é. E meu telefone, meu contato, pode compartilhar com todo mundo, sem restrição.

**Danuta:** Tem certeza?

**Indiara:** Tenho! Estamos aqui pra isso, pode compartilhar.

**Danuta:** Não vou fazer isso com você não.

**Indiara:** Tanto o meu como da Maysa. É nosso objetivo, é de nosso interesse esse contato, não é um favor que estou fazendo, pelo contrário, a gente tá aqui pra isso, a gente tá aqui pra dar essa informação, esse acesso à informação pra compartilhar e pra trocar. Porque, mais que isso, e ninguém melhor do que vocês pra nos trazer também quem que precisa desse conhecimento, aonde que a gente pode ir falar, então de fato a gente recebe, pra você ter noção até quem vai nas redes sociais reclamar alguma coisa eu faço questão de entrar em contato no privado, pergunto o telefone, a gente convida pra ir lá no CTL, a gente apresenta o projeto e a partir daí cria-se um relacionamento e a pessoa passa a entender do que se trata e quando a gente entende é muito mais fácil de construir né uma opinião, uma manifestação como você falou. Então tem uma pessoa que a partir dela, ela começou reclamando nas redes sociais, hoje ela convida a gente pra tá, ela é da saúde né Maysa, ela sempre convida a gente pra tá em algum tipo de palestra e a gente vai, a gente traz esse conhecimento, porque aqui é um grupo que trata ali da Unidade de Conservação, mas são vários grupos, tem os comerciantes que são afetados pelos caminhões que passam na rua com lixeiro. A gente entende, existe, a gente tenta tratar da forma como diminuir esse impacto, como falou: o caminhão é barulhento, a gente tá substituindo a frota por um caminhão que faça menos barulho: “ah, solta fumaça”, então um outro combustível que melhore isso.

**Danuta:** Tenho um pedido, posso salvar essa apresentação e mandar pros conselheiros? Se eles se interessarem...

**Ednei:** Pode, o que tem aí é o que tá nas respostas.

**Indiara:** De uma forma mais ilustrativa.

**Rosa:** É, se puder mandar pra gente.

**Danuta:** Ok. Obrigada, pessoal. Acho que ainda tem café ali. E água tem no bebedouro.



A reunião foi encerrada.